

À espera de uma obra divina

Igrejas históricas da capital aguardam há décadas por reparos. Saiba o que dificulta acesso à restauração

Carolina Cerqueira

REPORTAGEM

carolina.cerqueira@redebahia.com.br

Salvador tem mais de 600 igrejas, segundo a Arquidiocese, e as mais antigas delas ajudam a contar a história da cidade. Mas nem todas estão em bom estado de conservação, como deveriam. A matriz da Paróquia Nossa Senhora da Penha está há mais de 20 anos esperando por restauro; a Igreja e Cemitério de Nossa Senhora do Pilar tem processo se arrastando desde 2012. E algumas delas, como a Igreja de Nossa Senhora das Neves e a Capela de São Miguel, estão com partes desabadas e, por isso, precisaram ser interditadas.

A Capela de São Miguel, no Pelourinho, faz parte da Ordem Terceira de São Francisco e sua construção remonta ao início do século XVIII, trazendo diversos elementos provenientes da capital portuguesa, Lisboa. O local está fechado desde 2015, pelo menos, e foi interditado pela Prefeitura de Salvador em 2019, quando parte do telhado desabou.

“Quando eu cheguei à Ordem, em 2015, ela já estava fechada por conta do risco, até retiramos as imagens sacras de lá. Chegamos a fazer missas no Dia de São Miguel, mas do lado de fora, missa campal. E esse tempo todo estamos preocupados porque o que faz um imóvel ruir é justamente a água penetrando nas paredes e, sem telhado, a igreja fica muito vulnerável nesse sentido”, afirma Jayme Baleeiro Neto, presidente da Ordem Terceira de São Francisco.

Ele diz que desde 2016, a situação foi notificada e o projeto de restauro está feito e aprovado. Em 2020, um pedido de obtenção de recursos foi encaminhado ao Fundo Nacional de Direitos Difusos, do Ministério da Justiça. “Estávamos esperançosos porque este ano temos o bicentenário da Independência do Brasil, talvez a gente tenha um movimento de restaurar os patrimônios. A gente tem como prioridade o telhado, que caiu, mas depois temos outras coisas também para serem feitas. Mas tudo por partes, porque os recursos são limitados. Nem para o telhado chegou ainda, e só aí são cerca de R\$ 700 mil”, coloca Baleeiro Neto.

A igreja sede da Ordem Terceira de São Francisco está aberta ao público, mas também precisa de obras. O telhado está comprometido e, no último dia 4, com as fortes chuvas que atingiram Salvador, uma parte dele foi ao chão. Além dessas, outras demandas: o painel de azulejos portugueses passou por obra há 20 anos, mas, como o serviço não atingiu a raiz do problema e os azulejos não receberam manutenção, eles logo começaram a descascar novamente.

“Lá temos os azulejos que retratam Lisboa anterior ao terremoto de 1755, que já estão descascando. A igreja precisa da recuperação desse painel dos azulejos, o portal da frente da igreja é de pedra arenito e está deteriorado, o portão

Quando eu cheguei à Ordem, em 2015, ela já estava fechada por conta do risco, até retiramos as imagens sacras de lá. (...) E esse tempo todo estamos preocupados porque o que faz um imóvel ruir é a água penetrando nas paredes e, sem telhado, a igreja fica muito vulnerável nesse sentido

Jayme Baleeiro Neto

Presidente da Ordem Terceira de São Francisco sobre a Capela de São Miguel, no Peló

Preservar e conservar significa ter cuidados com o monumento para que ele não precise de restauro ou raramente precise

José Dirson Argolo

Professor e restaurador sobre as especificidades de uma obra em um patrimônio como as igrejas antigas

central da igreja está sem acesso, e a rede de incêndio precisa ser revista”, explica.

SEM APOIO

Para a sede, o pedido de socorro foi feito em 2015 e já existe um projeto aprovado pela Lei Rouanet, mas falta uma empresa patrocinadora. Na época da elaboração, em 2019, o projeto custava R\$ 4,5 milhões. “Nossa dificuldade se dá porque não somos algo como a Basílica de Senhor do Bonfim ou a Conceição da Praia, que suscitam muita devoção, têm muitas missas. A gente não tem paróquia, não tem aqueles devotos que frequentam, então, não tem essa força da comunidade para arrecadação de recursos e isso também afasta patrocínio privado”, diz Baleeiro Neto.

“A gente cobra R\$ 10 pela visita. Se você for comparar com um lanche, um ingresso de cinema, é um valor quase insignificante. Mas as pessoas resistem a pagar esse valor para conhecer uma igreja aqui. E são as mesmas pessoas que vão para a Europa só para ver as igrejas, para visitar o mesmo perfil de patrimônio e, às vezes, coisas com menor valor histórico do que temos aqui do lado de casa. Não temos isso de valorizar o que é nosso, o que é uma grande besteira porque quem não sabe de onde veio, não sabe para onde vai”, destaca o presidente da Ordem Terceira de São Francisco.

A Igreja de Nossa Senhora das Neves, em Ilha de Maré, está há tanto tempo sem missas que as integrantes do grupo responsável pela manutenção já nem sabem mais quando elas pararam de acontecer. Ela é uma das mais antigas do Brasil e foi inaugurada em 1552. O local não está totalmente interdito, mas a parte elevada, onde ficava o coro durante as missas, ameaça desabar. Uma parte do telhado e das paredes



1



2



3

da sacristia já foram abaixo e, graças à ajuda da comunidade local, puderam ser reparados. Mas ainda há muito a ser feito. A iluminação é precária, as paredes estão cheias de infiltração, fazendo com que a pintura deixe a desejar.

Atualmente, tramita no Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (Iphan) a elaboração e aprovação de um projeto executivo de arquitetura, engenharia e restauração para a Igreja de Nossa Senhora das Neves. “O Iphan é

o responsável pela reforma, mas são muitas igrejas no Brasil todo precisando de restauração, aí temos essa demora. Entramos na fila há cerca de três anos. Por fora do Iphan, tentamos parcerias para arrecadar recursos, mas a prioridade é sempre para construção ou obras sociais”, diz o Padre Edilson Bispo, membro da Comissão Arquidiocesana de Bens Culturais da Igreja.

DÉCADAS DE ESPERA

A Matriz da Paróquia Nossa



Senhora da Penha, junto com o Palácio de Verão dos Arcebispos, que fica na Ribeira, está em processo para obras há mais de 20 anos. Neste momento, nem o projeto de restauro está pronto. O templo foi construído em 1742, no estilo barroco, e também é tombado pelo Iphan.

“O mais urgente era a obra no passadiço. Aí a comunidade fez uma campanha e reuniu R\$ 60 mil, então conseguimos fazer. Agora, a igreja ainda precisa de restauração no telhado, altares, piso, portas e janelas. Tem uma minuta do Iphan preparada para lançar licitação para empresas fazerem o projeto. Aí depois de pronto ele tem que ser aprovado e vamos para o segundo processo, que é a captação de recursos para a obra em si”, diz o Irmão Jorge Mendes, vice-coordenador da Comissão Arquidiocesana de Bens Culturais da Igreja.

A Igreja e Cemitério de Nossa Senhora do Pilar, no Comércio, luta por restauro desde 2012. Uma obra parcial foi feita em 2021 pelo Iphan e Ipac, mas ainda falta a parte do telhado. “A gente pediu uma análise do projeto do Ipac e Iphan para saber exatamente o que falta. Com a chegada do Padre Renato Míinho, a irmandade está sendo reestruturada e o padre conseguiu parceria, ajuda da comunidade, e renovou a igreja por dentro, trouxe quadros, peças. Com a Conder, fez limpeza da fachada e pintura. Agora tem o projeto de levantamento do telhado, que uma empresa está fazendo orçamento para a finalização do projeto para que ele possa ir para aprovação e captação de recursos”, diz o Irmão Jorge.

A Igreja do Passo, no Santo Antônio, já passou pelo restauro, que custou cerca de R\$ 11 milhões, mas levou 20 anos à espera das obras e, enquanto isso, ficou de portas fechadas, interdita, porque o telhado ameaçava desabar. O templo foi entregue em fevereiro de 2018 e foi a obra mais completa em uma igreja tombada na Bahia. Por falta de recursos, somente após a interdição é que o projeto foi feito, já bem mais complexo.

“A Arquidiocese tinha uma parceria com o banco Itaú, mas o valor não ia conseguir arcar com toda a obra. Aí nós solicitamos ao Governo do Estado uma intervenção e saiu o PAC das Cidades Históricas, que incluiu a igreja do Passo neste programa federal e foi então possível realizar as obras”, explica o Irmão Márcio Prado, secretário da Comissão de Bens Culturais da Igreja.

O historiador Rafael Dantas lembra que Salvador já nasceu com a égide católica, e as restaurações desses templos acabam sendo uma manutenção da própria história da cidade. “A cidade já é um nome religioso. Toda essa história arquitetônica do Brasil pode ser vista nas igrejas e é por isso que é tão importante a gente preservar esses locais”, afirma.

Financiamento é difícil e burocracia cria gargalos

Pela importância histórica das igrejas, os projetos de manutenção, reforma e restauro não podem ser feitos de qualquer jeito, por qualquer empresa ou às pressas. É preciso passar por etapas como elaboração de um projeto, aprovação, captação de recursos e, finalmente, a obra.

O problema principal está no financiamento. Para obter capital, as igrejas dependem de órgãos como o Iphan, da iniciativa privada ou de arrecadação de dinheiro dos próprios fiéis.

“Você tem que contratar ao menos um engenheiro, um arquiteto, um restaurador e um historiador. Isso demanda tempo e também recursos, porque pode ser bancado pelo Iphan ou não. Aí depois o projeto vai ser protocolado no Iphan. Um técnico de lá recebe o projeto, analisa e aprova. Essa análise leva, no mínimo, quatro a cinco meses, dependendo da complexidade do projeto. Aí precisa de recursos para iniciar a obra. Se em um ano você não conseguir captar recursos, o projeto precisa ser atualizado, o valor vai ser revisto”, explica o Irmão Márcio Prado, secretário da Comissão de Bens Culturais da Igreja.

Sobre a captação de recursos públicos, o Irmão Jorge Mendes, vice-coordenador da Comissão Arquidiocesana de Bens Culturais da Igreja, ressalta os limites orçamentários. “A gente sempre procura andar junto com o Iphan. A gente sempre ouvia de algumas irmandades que o Iphan cria problema, que

tomba e deixa cair”.

Com relação ao patrocínio da iniciativa privada, as coisas também não são simples. “Antigamente, tínhamos muito mais interesse das empresas. Depois, isso foi caindo, principalmente com a pandemia. E olha que há benefícios para elas, tem a dedução do imposto de renda, além da visibilidade da empresa”, diz o Irmão Jorge.

O professor e restaurador José Dirson Argolo fala sobre as especificidades de uma obra em um patrimônio como as igrejas antigas de Salvador. “É uma questão delicada. Tem que estudar o patrimônio, o contexto da época de construção, analisar as transformações pelas quais ele passou. E não pode ser qualquer um a fazer isso”. Segundo ele, para lidar com restauro é preciso ter formação específica nessa área. “Tem que ser um arquiteto ou engenheiro com formação em restauro, tem que ser um restaurador”, diz.

O especialista ainda coloca que a Bahia não tem curso de restauro e, por isso, quem quer seguir este caminho acaba buscando outros países. “O grande problema que a gente vislumbra no Brasil é, mais ainda, na Bahia, é a falta de profissionais competentes e que tenham formação específica para essas áreas. Na maioria dos casos, são as empresas construtoras envolvidas na área de restauro e isso não é o ideal”, acrescenta. Argolo também cita como obstáculo a falta de uma política voltada à preservação e conservação dos patrimônios.

IGREJAS

600

igrejas possui a capital baiana, de acordo com dados da Arquidiocese de Salvador

20

anos aproximadamente foi a última restauração da famosa Igreja da Ordem Terceira de São Francisco

1742

foi o ano de construção da Matriz da Paróquia Nossa Senhora da Penha, na Ribeira, que está em processo para obras há mais de 20 anos

R\$ 11

milhões foram investidos na Igreja do Passo, no Santo Antônio, que ficou fechada por 20 anos

Centro de Restauro vai formar profissionais

A Igreja e o Convento Nossa Senhora da Lapa estão em fase de preparação de projeto de restauro, que começou no ano passado. O projeto abrange também a criação de um Centro de Restauro. O objetivo é que o lugar tenha salas de aula para a formação de mão de obra qualificada capaz de preservar os templos religiosos da cidade, e seja sede de cursos, seminários e simpósios, por exemplo.

“Hoje temos pouquíssimos restauradores. A ideia do centro de restauro é criar esse intercâmbio entre restauradores, historiadores, museólogos, engenheiros, arquitetos, etc, e formar a juventude para esse tipo de trabalho”, afirma o Irmão Jorge Mendes.

“Estamos fechando a atualização de uma planilha de custo, já tem o intuito do Ministério do Turismo e do Ministério da Cidadania de intermediar. Está sendo protocolado um projeto no

Iphan Bahia e uma arquiteta fez o levantamento do local, de tudo que precisa ser feito”, conta.

Segundo o Irmão, o objetivo macro é evangelizar pela arte, fazendo proveito do bom estado das igrejas.

“Queremos que as pessoas venham aqui conhecer a história da cidade, da igreja católica. Queremos que as igrejas sejam pontos de acolhimento, com trabalho social, que façam diferença para a comunidade ao redor. Temos muito a oferecer e queremos estabelecer uma cultura de educação patrimonial. Queremos a diáconia da beleza, ou seja, o serviço à beleza do Deus que se revela pela arte. Não é só restaurar, mas envolver o tripé: arte, fé e cultura”, finaliza.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional foi procurado para comentar as questões abordadas na reportagem, mas não respondeu ao contato.

1 e 2 Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, no Pelourinho, sofre com infiltrações e aguarda reparos em azulejos históricos. FOTO DE ARISSON MARINHO

3 Igreja da Penha, na Ribeira, já perdeu parte do piso na área superior e tem outros problemas estruturais. FOTO DE ARISSON MARINHO

4 Igreja de Nossa Senhora das Neves, em Ilha de Maré, corre risco de desabar. Partes da estrutura estão tomadas por plantas

5 Dentro da igreja, altar também está comprometido.

6 Templo do período colonial na Ilha de Maré está sem realizar cerimônias, por conta dos riscos aos fiéis. FOTOS DE SORA MAIA